

JESUS E OS MOVIMENTOS MESSIÂNICOS

Prof. Dr. Pe. Ari Luís do Vale Ribeiro

RESUMO

O presente trabalho pretende traçar perfil dos movimentos messiânicos do séc. I da era cristã, suas semelhanças e contrastes existentes entre eles e o movimento de Jesus, assinalando as expectativas destes grupos e as suas realizações. Para tanto tratar-se-à do substrato que lhes dava as motivações religiosas para se considerarem messiânicos.

Palavras chave: Movimentos messiânicos, movimento de Jesus, messianismo.

ABSTRACT

The present article intends to outline the messianic movements profile at 1st century of the Christian time, its similarity and existent contrasts between them and Jesus movement, assimilating the expectation of those groups and their realization. So, that's to be about the substrate that gave them the religious, motivation to consider as messianic.

Key-words: Messianic movements, Jesus movement, and Messianism.

INTRODUÇÃO

É fato a expectativa messiânica dos judeus, bem como uma longa série de movimentos messiânicos em toda a história do judaísmo, em diversos períodos. Jesus, o Messias dos cristãos, realizou o seu movimento num

período em que existiram outros movimentos messiânicos, alguns dos quais contemporâneos entre si, todos tendo vários elementos em comum.

O presente trabalho pretende traçar perfil dos movimentos messiânicos do séc. I da era cristã, suas semelhanças e contrastes existentes entre eles e o movimento de Jesus, assinalando as expectativas destes grupos e as suas realizações. Para tanto tratar-se-à do substrato que lhes dava as motivações religiosas para se considerarem messiânicos, descrevendo a evolução do messianismo de Israel (I parte) para, em seguida, descrever os movimentos messiânicos do séc. I da nossa era (II parte) e, finalmente traçar as semelhanças e os contrastes entre estes movimentos de Jesus (III parte). Uma breve conclusão retoma alguns elementos desenvolvidos durante a exposição.

I. EVOLUÇÃO DO MESSIANISMO

Como se verá nesta seção, o messianismo no Antigo Testamento não foi homogêneo, mas se deu a partir do desenvolvimento de certos temas e crenças que tem suas origens na religião israelita primitiva. Trata-se de uma fé no poder e na vontade de salvação por parte de Javé, que se manifesta na medida em que Israel compreende este poder e a ação de Deus na sua história. Geralmente, os elementos do messianismo abarcam os ideais que representam o Israel do futuro, correspondente ao Reino universal de Javé, escatológico e apocalíptico em parte, sem ser uma escatologia ou uma apocalíptica¹. E nem sempre o messianismo implica a idéia de um rei ou libertador futuro², nem era exclusivamente dos judeus³.

A – Etimologia

A palavra “messias” significa “ungido”, e ocorre no AT para significar o rei de Israel e o sacerdote. A palavra “*mashiah*” (hbr.) se traduz no grego para “*christós*”, de onde deriva o nosso Cristo. A tradução dos LXX (tradução

¹ Cf. MACKENZIE, J. L., *Dicionário Bíblico*, p. 605.

² ID., *Ib.*

³ Cf. AUSUBEL, N., *Messias*, p. 541.

grega do AT) usa freqüentemente a palavra “*christós*” para designar a Deus⁴, mas também as personagens que, em consequência da unção sagrada, real (sacerdotes e reis) ou metafórica (p. ex., Ciro, rei da Pérsia: cf. Is 41, 1), cooperaram para a situação dos desígnios de Deus a respeito de Israel, e ao futuro Ungido (1Sm 2, 10; Sl 2, 2; Dn 9, 25)⁵. Cronologicamente, foram os sacerdotes os primeiros a receberem esta designação⁶, em seguida os reis, e posteriormente o esperado interventor de Deus.

B – Evolução fixada pelo Antigo Testamento

1. Povo messiânico

A Aliança é o momento fundante e referencial da história de Israel, no qual este se torna o povo da Aliança e, através desta, o Reino de Deus se estabelece. A partir deste núcleo é que o messianismo se torna universal⁷. Isto significa que a eleição faz de Israel um povo messiânico.

Os oráculos de Balaão (Nm 22-24) datam do período pré-monárquico, e possuem caráter messiânico em sentido mais amplo, pois identificam Israel como povo distinto, diferente dos outros, expressando a consciência nacional de Israel e de seu destino, mas sem ideais messiânicos propriamente ditos⁸.

2. Messianismo Real

Com o estabelecimento da monarquia israelita, o messianismo assume a forma da monarquia política, e o próprio rei Davi, com sua dinastia, transforma-se no seu elemento determinante⁹. O rei representa o povo, como ocorre em outras nações, e, através dele, o povo age com unidade política.

⁴ Cf. GEISELMANN, J. R., *Jesus Cristo*; In: *Dicionário de Teologia*, p. 63.

⁵ Cf. ROSANO, P., *O ambiente de Jesus*, p. 54.

⁶ Cf. SCHLESINGER, H.; PORTO, H., *Messias*. In: *As religiões ontem e hoje*, p. 177.

⁷ Cf. MACKENZIE, J. L., *o. c.*, p. 606.

⁸ ID., *ib.*, p. 606.

⁹ ID., *ib.*

Desta forma, o messianismo do rei não se distingue do messianismo do povo. À tribo de Judá é prometido que terá um reino eterno, concepção que sempre estará presente no desenvolvimento do messianismo¹⁰.

Na profecia de Natã (2Sm 7, 5-16: 1Cr 17, 4-14: Sl 89, 10-38) temos a promessa feita a Davi de uma dinastia eterna, de forma que a dinastia passa a ser o meio de concretizar o destino de Israel, ou seja a eternidade de dinastia implica na eternidade de Israel¹¹.

Nos chamados “Salmos Reais” (2; 20; 21; 45; 72; 89; 101; 110), datados de período monárquico, e posteriormente aplicados ao rei messiânico escatológico, tem-se que o rei ideal concluirá a dinastia de Davi e que concretizará o reino de Javé sobre a terra¹². O salmista dirige-se ao rei em termos que antecipa a realização deste destino, e por isso fala de uma vitória completa sobre os inimigos do rei e da prosperidade que ele proporcionará¹³.

Estes salmos eram uma forma de reafirmar no culto as promessas feitas a Davi e o ideal da realeza e que, posteriormente, acabaram firmando a esperança de um filho de Davi ideal, que deveria vir, e em cujo reinado as promessas se tornariam realidade: no culto surge a expectativa de Israel em torno de um messias, que fez modelar a fé e a história de Israel¹⁴. Isto se deu devido às insatisfações e decepções causadas pela monarquia em Israel, permitindo a concepção, entre outras motivações, da expectativa de um rei (messias) ideal. Assim vemos que uma das motivações do messianismo em Israel é o fracasso da monarquia.

3. Messianismo Profético: o Messias dos profetas e o Messias-profeta

O profetismo em Israel é um fenômeno complexo, que abarca vários períodos de sua história, embora, com alguma frequência, a ele façamos referência em função do exílio para a Babilônia. Alguns textos proféticos tratam do messias e, dentre eles, alguns apresentam o profetismo como uma

¹⁰ ID., *ib.*, p. 606-607.

¹¹ ID., *ib.*, p. 607.

¹² ID., *ib.*, p. 607.

¹³ ID., *ib.*

¹⁴ Cf. BRIGHT, J., *História de Israel*, p. 299.

característica do messias. Esta tradição profética, embora tenha sido fundida com a tradição messiânica¹⁵, não perdeu suas características.

Na tradição de Israel, especialmente após a queda de Jerusalém, se diz que o profetismo está encerrado, e que uma das características da era messiânica é a volta do profetismo, inclusive, como acima se disse, com a vinda de um messias-profeta. Nesta seção, ter-se-á um breve excuroso sobre as características do messianismo nos profetas do Antigo Testamento.

Os profetas pré-exílicos estão profundamente influenciados pelo reino Assírio, nos séc. VIII e VII a.C., o qual constituía uma ameaça à sobrevivência da monarquia israelita (e, que, posteriormente extinguiu o reino de Israel): o messianismo destes profetas apresentava a estrutura política de um reino terreno, que podia facilmente ser comparado com o reino de Javé¹⁶.

O Primeiro-Isaías (cc. 1-23.28-33), o primeiro dos grandes profetas, mostra que Deus tem um plano. Embora quisesse afirmar que tal plano deveria se manifestar naquele tempo, não impede que suas colocações sejam lidas posteriormente num sentido mais universal, e entendido como anúncio do Messias¹⁷. Isaías anuncia a ruína das instituições nacionais e remete para os últimos tempos a realização das promessas de Deus; ele evoca a figura de um rei ideal, nascido da linhagem de Davi (Is 9, 1-6), que terá a plenitude do Espírito (11, Iss), será o Emanuel, o “Deus-conosco” (7, 14). Esta forma de messianismo também ocorre em Miquéias (5, 1-5), Jeremias (23, 5s Jr 30, 8s), Ezequiel (34, 23s) e, posteriormente do Dêutero-Isaías, e nas interpolações a Amós (9, 11s), Oséias (3, 5), etc.¹⁸, provavelmente no período exílico¹⁹.

Isaías apresenta quatro qualidades sobre-humanas que teria o Messias, a saber, “Conselheiro maravilhoso”, “Deus Forte”, “Pai eterno”, e “Príncipe da paz” (Is 9, 5). Isaías também assinala a concepção de que a era messiânica seria uma restauração do paraíso, bem como a regeneração moral do povo²⁰. Todas estas características nos mostram que o messianismo de Isaías não é

¹⁵ Cf. AUSUBEL, N., *o. c.*, p. 545.

¹⁶ Cf. MACKENZIE, J. L., *o. c.*, p. 607.

¹⁷ Cf. KONINGS, J., *A Bíblia, sua história e leitura: uma introdução*, p. 71.

¹⁸ Cf. GRELOT, P., *Mesías, expectación mesiánica*, p. 564.

¹⁹ Cf. MACKENZIE, J. L., *o. c.*, p. 607.

²⁰ ID., *ib.*, p. 607.

um messianismo apenas político, mas Javé é o criador do reino messiânico²¹, que, através da regeneração do povo, garantirá a justiça e a paz.

No período do exílio na Babilônia (597-539 aC), aparece noção de restauração da dinastia davídica, através de um rei com características ideais, que se pensava que Davi tivesse (cf. Jr 23, 5s; Ez 34, 23; 37, 24)²², pois a humilhação do exílio, longe de significar que as promessas de Javé teriam sido revogadas, foi tomada como sinal de “desagrado divino” para com a rei de então²³. Por este motivo, os profetas emitiam oráculos messiânicos a fim de convocar a povo para uma conversão total, uma conversão que resultasse num novo Israel, mais fiel a Javé.

O Dêutero-Isaías, livro da consolação dos exilados, atribui muita importância a Ciro, rei persa, considerando-o até como um “ungido” de Javé (Is 45, 1ss). Tal postura significaria para os judeus exilados, que a façanha de Ciro, não deve ser atribuída a outros deuses, senão Javé²⁴.

A esperança messiânica do período do pós-exílio está remotamente originada numa síntese entre o javismo e a teologia da dinastia davídica, quando se tentou buscar (e inculcar no povo) a legitimação e as garantias divinas para com a monarquia²⁵.

Os profetas Ageu e Zacarias apontavam para as crises, rebeliões e distúrbios na Pérsia, como prelúdio do cumprimento das promessas de Javé e do início da restauração²⁶. Ambos consideravam a pequena comunidade dos exilados, como o verdadeiro remanescente de Israel (Ag 1,12,14; Zc 8,6,12), de quem falava Isaías²⁷.

Ageu projetava em Zorobabel a possibilidade deste ser o rei messiânico do “*eschaton*” (2,20-23), com seu reino iniciado por um terremoto, por ocasião da bênção da pedra da reconstrução do Templo, e depois disso, todas as nações viriam a Jerusalém para oferecer os seus presentes como tributo a Javé o Senhor do mundo. Tal expectativa, se deu por causa da crise políti-

²¹ ID., *lb.*

²² ID., *lb.*

²³ CF. BRIGHT, J., *o. c.*, p. 374.

²⁴ Cf. KONINGS, J., *o. c.*, p. 76.

²⁵ Cf. FOHRER, G., *História da Religião de Israel*, p. 169.

²⁶ CF. BRIGHT, J., *o. c.*, p. 501s.

²⁷ ID., *lb.*, p. 503.

ca e econômica do período de Ageu²⁸, que afirmava que as promessas se cumpririam naquele momento²⁹. Este materialismo nas descrições da salvação vai estar presente nas representações apocalípticas³⁰. É interessante notar que Zorobabel teve dividido seu “status” messiânico com o sumo sacerdote (Ag 4, 1-14).

Outro profeta do período, o Dêutero-Zacarias (cc. 9-14), tem ponto de vista semelhante a Ageu³¹, mas deixa claro que as promessas não se realizariam tão facilmente³². Ele descreve um Messias que seria um rei sem violência (9, 9-11), um “bom pastor” (11, 4-17; 13, 7-9), e até um mártir (12, 9-14). Tal perfil foi, posteriormente, identificado com Jesus Cristo³³.

Depois do Exílio na Babilônia (586-538 aC), os judeus, não tendo mais rei nacional, começam a esperar um novo rei, ou “ungido”, geralmente imaginado nos moldes do rei Davi, embora exista simultaneamente, outras concepções de messias³⁴, presentes em vários textos veterotestamentários e intertestamentários. Este rei nacional é o responsável pelo estabelecimento do Reino de Deus na terra (e não no céu) para os judeus, e para todos os povos que aceitassem a crença no Deus Único e na sua Torá³⁵.

O Messias é o portador definitivo da salvação, o qual deverá restaurar a relação entre Deus e a humanidade, destruída pelo pecado; é esta a espinha dorsal do Antigo Testamento, a espera de um mediador pessoal da salvação³⁶.

No judaísmo pós-exílico existiu também um messianismo sacerdotal, com apenas uma referência na Escritura (Dn 9,26), que se refere a Onias III. Mas a tradição messênica, como se verá, está fortemente marcada pelo influxo sacerdotal, e concedeu ao Messias Aarão, um lugar notável e até lhe

²⁸ Cf. FOHRER, G., o. c., p. 416.

²⁹ Cf. MACKENZIE, J. L., o. c., p. 501.

³⁰ Cf. FOHRER, G., o. c., p. 416.

³¹ ID., *ib.*, p. 421.

³² CF. BRIGHT, J., o. c., p. 502.

³³ ID., *ib.*, p. 277.

³⁴ ID., *ib.*

³⁵ Cf. OBERSTEINER, J., *Messianismo*, p. 688s; AUSUBEL, N., o. c., p. 542.

³⁶ Cf. FORTE, B., *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 71, inclusive 15 e 16.

deu um certo predomínio sobre o Messias de Israel, descendente de Davi (1QSam II, 11-22; Doc. Damasco XIX, 35ss; 4Q-Flor 2; Test Lev 24)³⁷.

4. Messias Apocalíptico

O profeta Daniel, predominantemente apocalíptico, composto no séc. II aC, trata da figura do “Filho do Homem”, que significa alguém que é humano ou, como um ser humano. Esta figura ocorre em outros documentos do judaísmo primitivo e do NT, ao lado do Messias davídico, que representa um desenvolvimento posterior da figura do Messias³⁸.

Desta forma, se dá uma dessecularização de uma idéia que a princípio, era mais social e mais política do que moral e religiosa. Mas isto não descharacteriza a ação para a sua libertação: Deus é quem age, mas o homem deve participar; e se o homem se recusa a aceitar a intervenção de Deus, esta se dá na forma do juízo³⁹.

Em todas as épocas, os judeus concebiam o Messias como um homem, impelido a cumprir a sua missão de redenção pelo espírito e pela força da profecia⁴⁰. Desta forma, vemos que não há um forte contraste entre o Messias e sua missão profética, pelo contrário, como se disse acima, o profetismo teria sido incorporado à restauração messiânica.

C – Evolução do Messianismo no Intertestamento

No Intertestamento (período de aproximadamente duzentos anos, que vai do ano 100 aC até por volta de 100 da era cristã), o povo judeu viveu sob a opressão das forças estrangeiras, e internamente, sob as suas divisões internas em grupos ou partidos, a saber: saduceus, fariseus, e essênios (os zelota não constituem um grupo formal, mas representam uma aspiração de libertação popular).

³⁷ Cf. GRELOT, P., o. c., p. 565.

³⁸ Cf. FOHRER, G., o. c., p. 463.

³⁹ ID., *ib.*

⁴⁰ Cf. AUSUBEL, N., o. c., p. 544s.

Cada um destes grupos possuía interesses próprios e expectativas messiânicas matizadas, segundo seus interesses (por causa da situação de convivência com os dominadores, os saduceus não concebiam a possibilidade da vinda de um messias), e configurarão o contexto onde se deu a missão de Jesus. A literatura predominante deste período são as revelações e os apocalipses, que são desenvolvidos em torno das diferentes expectativas messiânicas. Esta ampla literatura não recebeu aceitação oficial na Babilônia⁴¹, exceto o profeta Daniel (cf. supra).

A apocalíptica, de certa forma, substitui os oráculos dos profetas, mas se distingue destes, por causa da forma de interpretar a história. O profeta interpreta a história, voltado para o presente, e convoca o povo para a transformação. Já o visionário apocalíptico quer despertar a esperança do povo, em meio às crises, com o olhar fixado no transcendente⁴².

O Messianismo dos Livros apócrifos se apresenta totalmente secularizado na esperança de um império judaico estabelecido pela intervenção de Deus, de forma que o futuro está voltado para a restauração do reino de Israel e para o fim do mundo; às vezes, restauração e fim do mundo, coincidem⁴³. O Messias é entendido como um ser humano preexistente, que vem do céu a fim de conquistar os povos e se tornar rei do reino terrestre⁴⁴. No livro de Enoque, o messias é também chamado de “Eleito” e de “Filho do Homem”⁴⁵.

Nos Salmos de Salomão (17 e 18) temos o reflexo de que as esperanças de Israel, não se concretizam no Messias (séc. I a.C.). Nestes salmos, o futuro rei, um descendente de Davi, é chamado de Messias (*Christós*) que tem apenas o papel político de afastar os pagãos de Jerusalém e reger o povo santo com justiça⁴⁶. Outros títulos ocorrem nestes salmos: “Filho de Davi” e “Rei de Israel”⁴⁷.

No Apocalipse de Esdras (4 Esdr 11-12; 7, 27ss) e no de Baruc (72ss) aparece mais claramente o papel político do Messias-Rei, indicado como

⁴¹ Cf. KONINGS, J., o. c., p. 162.

⁴² ID., *ib.*

⁴³ Cf. MACKENZIE, J. L., o. c., p. 608.

⁴⁴ ID., *ib.*

⁴⁵ Cf. ROSANO, P., o. c., p. 54.

⁴⁶ Cf. GEISELMANN, J. R., o. c., p. 54.

⁴⁷ Cf. ROSANO, P., o. c., p. 54.

aniquilador de Israel⁴⁸, com caráter apocalíptico. Isto significa que o tempo messiânico era pensado em períodos diversos: um que se realizaria sobre a terra mais ou menos transformada, e outro, depois da consumação dos tempos, caracterizado pela ressurreição e pelo juízo geral⁴⁹. A confusão da era messiânica com a era escatológica gera a dificuldade para se distinguir quais os aspectos originais de cada uma⁵⁰.

Durante o intertestamento ocorre a figura de outro Messias, o Messias-Sacerdote, como nos “documentos de Damasco”, e nos “Testamentos dos Doze Patriarcas”, nos “escritos de Qumran”⁵¹. Nos “Testamentos” ocorre também a idéia do Messias-Cordeiro (19, 8) cabeça do rebanho dos eleitos e destruidor das forças do mal que, sob forma de feras, assaltam o rebanho⁵².

Existiu também a espera de um “filho de José”, um herói guerreiro que julgaria e inocentaria a todos os pecadores, e destruiria os maus com todo o mal. Este “filho de José” possui uma nítida influência persa. A volta de Elias também era esperada, o que fazia com que a expectativa messiânica ganhasse um colorido bem variado⁵³.

Existia também um messianismo sem Messias (!), que afirmava que a restauração seria obra do poder de Deus em primeiro plano, que esvazia o papel do Messias⁵⁴. Segundo as fontes oficiais do judaísmo, a doutrina sobre o Messias possuía pouca importância para os rabinos contemporâneos de Jesus Cristo, pois a preocupação estava centrada na questão da restauração da nação e não na do Messias. Concebia-se que todas as profecias se referiam aos dias do Messias, mas na prática, a exegese rabínica dava maior relevo à Lei. Esta, assim tinha maior importância que o Messias⁵⁵.

Os samaritanos, que realizaram um “cisma” contra o rigorismo da reforma judaica do pós-exílio, rejeitaram todas as Escrituras Sagradas, exceto o Pentateuco, e, desta forma rejeitam o messianismo, porque nelas se encontram

⁴⁸ ID., *ib.*, p. 55.

⁴⁹ Cf. ROSANO, P., *o. c.*, p. 53.

⁵⁰ ID., *ib.*

⁵¹ Cf. GEISELMANN, J. R., *o. c.*, p. 55.

⁵² Cf. ROSANO, P., *o. c.*, p. 54.

⁵³ Cf. AUSUBEL, N., *o. c.*, p. 546.

⁵⁴ Cf. ROSANO, P., *o. c.*, p. 55.

⁵⁵ ID., *ib.*, p. 52.

a glorificação de Jerusalém e a espera de um Messias pertencente à casa de Davi, antes da tribo de José⁵⁶.

Já se disse acima que a profecia é uma das características do messias esperado. Nestas expectativas, a figura mais notável é a de Moisés, o grande profeta do Êxodo. Desta forma, o Messias é um novo Moisés que, através de um novo Êxodo, inaugurará novos tempos, tempos de uma Nova Aliança (Dt 18, 18)⁵⁷. O profeta Elias também é recordado (Mt 3, 23) e esperado.

E figura que melhor representa o “messias profeta” é o “Servo Sofredor”, caracterizados nos Quatro Cânticos, obra do Dêutero Isaías⁵⁸.

II. MOVIMENTOS MESSIANICOS

A Palestina, depois do fim da dominação babilônica, tornou-se uma província do Império Persa. Após o domínio dos persas, os hebreus passaram, sucessivamente, pelo jugo da Grécia (Alexandre Magno), do Egito e, por ocasião do evento Jesus Cristo, do Império Romano, este desde 63 aC, com a entrada de Pompeu em Jerusalém, e que anexou todo o território palestinese à província romana da Síria⁵⁹, fato que marcou o fim da independência dos judeus⁶⁰.

Os proprietários de terra da Palestina estavam aliados de tal forma aos dominadores que as sociedades agrárias tradicionais passam por um processo avassalador de empobrecimento, dando origem ao “banditismo”, forma de rebelião à situação de miséria e à exploração tributária, e que constituiu significativa força de combate quando da expulsão das tropas romanas da Judéia, em 66, no início da I Guerra Judaica⁶¹.

A Palestina, já dominada pelos romanos, se encontrava dividida em partidos, com diferentes interesses, e, desta forma, a expectativa messiânica de cada grupo se moldava segundo os seus respectivos interesses. Os saduceus, partido da aristocracia sacerdotal, da qual saíam os Sumos

⁵⁶ Cf. FOHRER, G., o. c., p. 459.

⁵⁷ Cf. FORTE, B., o. c., p. 73, inclusive a nota 17.

⁵⁸ ID., *ib.*, p. 74.

⁵⁹ Cf. KIPPER, J. B., *Atuação política e revolucionária de Jesus?*, p. 238.

⁶⁰ Cf. HADAS-LAEBEL, M., *Flávio Josefo – o judeu de Roma*, p. 22.

⁶¹ Cf. HORSLEY, R. A.; HANSON, J. S., *Bandidos, profetas e messias – Movimentos populares no tempo de Jesus*, p. 57.

Sacerdotes⁶², de tal forma eram coniventes com os dominadores e se mantinham privilegiados, apesar da dominação, que nem possuíam alguma expectativa messiânica.

Os fariseus aguardavam a intervenção de Deus, e acreditavam que com a prática da Lei (Torá) podiam antecipá-la, segundo as normas dos Doutores da Lei e dos escribas⁶³.

Os zelotas não constituíam formalmente um partido, mas representavam uma aspiração popular de libertação da dominação. Alguns afirmam sinteticamente, que todos os movimentos revoltosos do período se identifiquem com os zelotas⁶⁴; de fato, eles eram grupos rebeldes a Roma, descritos com significativo desprezo pelo historiador Flávio Josefo⁶⁵. Encabeçaram a I Guerra Judaica na década de sessenta do séc. I, e não constituíam uma seita ou filosofia, mas eram camponeses organizados em revoltas armadas⁶⁶.

Os essênios devem ser identificados com a comunidade de Qunram⁶⁷; eram monges que habitavam próximo ao Mar Morto. Surgiram por ocasião de um protesto contra o sacerdócio dos asmoneus, afirmando ser este ilegítimo; preparavam-se para uma guerra santa, que coincidiria com a intervenção de Deus⁶⁸.

1. Movimentos populares da Palestina do séc. I

O que distingue os movimentos messiânicos, dos demais partidos e movimentos populares seus contemporâneos, seus líderes a pretensão à realeza por parte de seus líderes, e a convicta crença destes, de que era o messias esperado. Mas em todos os movimentos armados, messiânicos ou não, podemos perceber que o reino de Deus só poderia acontecer com a eliminação da dominação romana⁶⁹.

⁶² 239. KIPPER nota 67.

⁶³ ID., *ib.*, p. 239.

⁶⁴ Cf. HORSLEY, R. A.; HANSON, J. S., *o. c.*, p. 166.

⁶⁵ ID., *ib.*, p. 186.

⁶⁶ ID., *ib.*, p. 206.

⁶⁷ Cf. KIPPER, J. B., *o. c.*, p. 239.

⁶⁸ CF. BRIGHT, J., *o. c.*, p. 631.

⁶⁹ Cf. HADAS-LAEBEL, M., *o. c.*, p. 49.

Antes de tratar dos movimentos especificamente messiânicos, os demais movimentos populares da Palestina, do período de 63 A 37 aC, tem-se o movimento do “banditismo”, reprimido com vigor pelo rei Herodes e, por isso, elogiado pelos proprietários da região⁷⁰. No período, dois tipos de líderes tentaram recuperar a independência judaica: um tentava recuperar o poder perdido, encabeçado por Alexandre e Aristóbulo; outro, popular, de origem camponesa, incorporado por Ezequias e Pitolau que se associaram à luta de Alexandre e Aristóbulo, mas fracassaram⁷¹.

De 37 a 4 aC temos uma relativa calma, e a única revolta que se tem conhecimento partiu de dois fariseus, Matias e Judas que, juntamente com seus discípulos, derrubaram a águia romana que fora colocada na entrada do Templo. Os dois fariseus foram queimados vivos, juntamente com quarenta de seus discípulos⁷². Nos dez anos que se sucederam à morte de Herodes (6 d.C), temos uma explosão de violência, graças a revoltas e represálias, sob Arquelau. Tal violência foi despertando no povo a esperança messiânica, e os líderes revoltosos apelavam para as promessas feitas a Davi e se proclamavam reis do povo⁷³, dando origem aos movimentos messiânicos. A repressão foi grande; cidades como Séfora e Emaús foram devastadas; o interior da Judéia foi vasculhado, e dois mil rebeldes foram presos e crucificados ao redor de Jerusalém⁷⁴.

Depois desta repressão, somente com Jesus de Nazaré deu-se outro movimento messiânico (30 d.C), e depois, somente por ocasião da I Guerra Judaica (66-70 d.C), surgiram outros pretendentes ao reino dos judeus. Neste período, temos pequenas revoltas, tal qual a de Barrabás, e também se incorpora o zelotismo que, como já se disse, não é um partido formal, mas um movimento que vai se manifestando em dados momentos, e desembocará na I Guerra Judaica. Sua origem está no “zelo” pela Lei, manifestado por Judas e Sadoc, por ocasião do senso no ano 6 d.C⁷⁵.

⁷⁰ Cf. FLÁVIO JOSEFO, *Antigüidades Judaicas*, 16, 9,2-3; 15,4-6.

⁷¹ Cf. MESTERS, C., *Os profetas João e Jesus e outros líderes populares daquela época*, p. 74

⁷² ID., *ib.*, p. 75.

⁷³ ID., *ib.*

⁷⁴ ID., *ib.*, p. 76.

⁷⁵ ID., *ib.*

Neste período, temos a volta do movimento profético que, de alguma forma, jamais desaparecerá de Israel⁷⁶, e que vem a lume com os movimentos de Jesus de Nazaré e João Batista, expressando uma maturidade maior na reflexão popular, mais que nos movimentos imediatamente precedentes⁷⁷. Neste período se manifestaram dois tipos de profetas, a saber: os profetas de ação, que lideraram massas, como Teudas e o “egípcio” (aqui estudados juntamente com os movimentos messiânicos), e os profetas oraculares, tais como João Batista, Jesus filho de Ananias⁷⁸, e Jesus de Nazaré.

Por fim, é necessário recordar dois outros grupos, freqüentemente arrolados entre os zelotas, a saber a “Quarta filosofia” e os sicários. O grupo denominado “Quarta filosofia”, recebeu este nome de Flávio Josefo, em contraste com as outras três filosofias (saduceus, fariseus e essênios); os membros deste grupo propunham o não pagamento dos impostos a Roma, sem rebelião armada⁷⁹; eram liderados pelos supra citados Judas e Sadoc, que resistiram ao recenseamento no ano 6 d.C⁸⁰; não se tem informações sobre a evolução deste movimento⁸¹.

Os sicários receberam este nome por causa das armas que usavam, os punhais chamados “*sicar*”⁸². Josefo afirma que eles eram “bandidos”, que assassinavam, em plena luz do dia na cidade, com seus punhais, proprietários, funcionários do governo e do Templo. Os sicários, por agirem com relativa clandestinidade, não precisavam morar nas montanhas como os bandidos, e continuavam com vida pública normal⁸³.

2. Que é um movimento Messiânico?

Os judeus, oprimidos pelo jugo da dominação romana estavam aptos a acolher qualquer solução miraculosa através da ação de um agente sobrenatural, um redentor de Israel. Cada pretendente à posição de Messias

⁷⁶ Cf. HORSLEY, R. A.; HANSON, J. S., *o. c.*, p. 134.

⁷⁷ Cf. MESTERS, C., *o. c.*, p. 77ss.

⁷⁸ Cf. HORSLEY, R. A.; HANSON, J. S., *o. c.*, p. 163s.

⁷⁹ ID., *ib.*, p. 170.

⁸⁰ ID., *ib.*

⁸¹ ID., *ib.*, p. 173.

⁸² Cf. FLÁVIO JOSEFO, *o. c.*, 20, 186

⁸³ Cf. HORSLEY, R. A.; HANSON, J. S., *o. c.*, p. 174.

serviu de ponto de referência para uma revolta judaica contra o domínio romano. Seus líderes eram homens fanáticos e idealistas, tanto do ponto de vista religioso, quanto do ponto de vista revolucionário, com amor patriótico, a ponto de pretenderem enfrentar e derrubar o domínio romano⁸⁴.

A partir destas considerações, podemos elancar os elementos principais que caracterizam os movimentos messiânicos:

– seu líderes acreditavam que es expectativas messiânicas eram a eles atribuídas, e que viviam a era messiânica esperada;

– eram nitidamente rebeldes à dominação romana contra a qual se rebelaram, convictos de suas motivações religiosas;

– empenharam-se corajosamente no reestabelecimento da independência de Israel, numa volta radical às próprias raízes do povo⁸⁵, de forma que o messianismo expressa esta aspiração popular. Diferentemente de outras revoltas ocorridas desde o início da pesada dominação romana, os movimentos messiânicos apelam para antigas promessas feitas a Davi, e se proclamam reis do povo⁸⁶. Eles apontam para uma utopia (era messiânica) e para os meios de se engajar na construção desta utopia (movimento messiânico), pois a imagem de um rei davídico representava o que este agente de Deus faria, isto é, libertar e restaurar Israel, tal qual fez o rei Davi⁸⁷.

3. Movimentos messiânicos contemporâneos a Jesus de Nazaré

Os escritos de Flávio Josefo (m. 100 d.C), especialmente as Antiquidades Judaicas, que foi historiador judeu contemporâneo a Jesus ou ao menos à I Guerra Judaica e à destruição do Templo (66-70 d.C), constituem a única fonte histórica para se conhecer os movimentos messiânicos apesar de ter sido protegido do Imperador Vespasiano e colaboracionista dos romanos, das suas obras se pôde apreender elementos importantes para a reconstituição histórica do período, porém, com um senso crítico necessário, frente a suas considerações tendenciosas.

⁸⁴ Cf. AUSUBEL, N., *Messias, falsos*, p. 551.

⁸⁵ Cf. MESTERS, C., *o. c.*, p. 73.

⁸⁶ ID., *ib.*, p. 75.

⁸⁷ Cf. HORSLEY, R. A.; HANSON, J. S., *o. c.*, p. 92.

Flávio Josefo caracteriza os rebeldes como criminosos ou maníacos religiosos, o que não corresponde à realidade⁸⁸. No presente estudo, tem-se um elenco dos “messias” que surgiram no período, geralmente chamados “falsos-messias”, embora isto não tenha um teor essencialmente pejorativo, pois estes homens surgiram na história, motivados pelo honesto propósito de lutar pela libertação de Israel⁸⁹.

4. Movimentos messiânicos anteriores à Guerra Judaica

- *Judas Galileu*⁹⁰: liderou uma revolta no ano 6 d.C (At 5, 37); esta revolta deu o impulso decisivo para a formação do movimento zelota, originário da Galiléia⁹¹: ele foi filho de um tal Ezequias que se proclamou rei do povo, e devastou os distritos das fronteiras com a Síria, eliminado por Herodes antes mesmo de assumir o governo⁹²; o líder foi morto, os membros do movimento se dispersaram, e o procurador Tibério Alexandre mandou crucificar os seus dois filhos, Jacó e Simão⁹³;

- *Anthronges* (4 aC - 6 dC), chefe de bandos (cada um de seus quatro irmãos chefiava um bando) com pretensões reais, organizou entre outros levantes uma emboscada contra os soldados romanos em Emaús⁹⁴;

- *Simão*, ex-escravo de Herodes, se proclamou rei dos judeus⁹⁵; alguns “bandidos” apoiaram o seu movimento⁹⁶;

- Um Samaritano anônimo⁹⁷ convocou o povo para o Monte Garizim onde revelaria o lugar onde Moisés teria escondido os utensílios sagrados do Santuário. Pilatos mandou para lá a sua tropa e matou a maioria⁹⁸;

⁸⁸ Cf. AUSUBEL, N., o. c., p. 552

⁸⁹ Cf. SCARDELAI, D., *Jesus e os movimentos messiânicos de seu tempo*, p. 5.

⁹⁰ Cf. FLÁVIO JOSEFO, o. c., 17, 271ss.

⁹¹ Cf. JEREMIAS, J., o. c., p. 105.

⁹² Cf. GRELOT, P., *A Esperança judaica no tempo de Jesus*, p. 110.

⁹³ Cf. HADAS-LAEBEL, M., o. c., p. 33.

⁹⁴ Cf. FLÁVIO JOSEFO, o. c., 517; GRELOT, P., o. c., p. 112ss.

⁹⁵ Cf. FLÁVIO JOSEFO, o. c., 17; MESTERS, C., o. c., p. 75.

⁹⁶ Cf. HORSLEY, R. A.; HANSON, J. S., o. c., p. 52.

⁹⁷ Cf. FLÁVIO JOSEFO, o. c., 18, 4,1-3.

⁹⁸ Cf. MESTERS, C., o. c., p. 73.

- *Teudas*⁹⁹, pelo ano 44 d .C, se achava profeta da tradição de Moisés, conduziu muitos de seus seguidores até as margens do rio Jordão, com a promessa de que ali demonstraria seus poderes proféticos, dividindo as águas e fazendo os seus seguidores passarem incólumes pelas águas, tal qual os seus antepassados passaram pelo Mar Vermelho. O procurador romano Fado prendeu muitos membros deste movimento, inclusive o seu líder, o qual foi decapitado, tal qual um criminoso. Este movimento não é explicitamente messiânico, aproximando-se mais da práxis profética¹⁰⁰;

- *Benjamin, o Egípcio*,¹⁰¹ entre os anos 55 e 60 d.C, conseguiu arrebanhar trinta mil seguidores combativos e os reuniu no Monte das Oliveiras, onde lhes disse que com os poderes que Deus lhe havia dado, faria com que as paredes da cidade ruíssem, tal qual fez Josué com as paredes de Jericó; o procurador Félix marchou para o Monte das Oliveiras, e muitos dos seguidores de Benjamin foram mortos, embora seu líder tenha conseguido escapar (esta rebelião é citada em At 21, 38)¹⁰². Este também não foi um movimento messiânico, mas não foi apenas uma simples iluminação¹⁰³;

- No ano de 62 d.C, temos um messias anônimo que promoveu outra revolta contra os romanos tendo promovido uma marcha para o deserto, onde teria prometido a seus adeptos, segundo Josefo, “libertação e alívio da sua desgraça”¹⁰⁴

5. Movimentos messiânicos por ocasião da Guerra Judaica

- *Menahem*, neto de Judas Galileu, também se proclamou messias, pouco antes da Guerra Judaica¹⁰⁵, tendo organizado seus seguidores sicários para um ataque bem sucedido à importante fortaleza de Massada¹⁰⁶; em seguida, este movimento rumou para Jerusalém, rendendo a fortaleza

⁹⁹ Cf. FLÁVIO JOSEFO, *o. c.*, 20 5,1.

¹⁰⁰ Cf. HORSLEY, R. A.; HANSON, J. S., *o. c.*, p. 149.

¹⁰¹ Cf. FLÁVIO JOSEFO, *o. c.*, 28, 8,6.

¹⁰² Cf. JEREMIAS, J., *o. c.*, p. 101.

¹⁰³ Cf. GRELOT, P., *o. c.*, p.117.

¹⁰⁴ Cf. AUSUBEL, N., *o. c.*, p. 552.

¹⁰⁵ ID., *ib.*

¹⁰⁶ Cf. HORSLEY, R. A.; HANSON, J. S., *o. c.*, p. 183.

Antonia; não se tem notícia nem de seu líder, nem de seus comandantes, após a represália de Roma;

- *Simão bar Giora* (66 d.C), líder apoiado por “bandidos”¹⁰⁷, pois emergiu de camponeses dois anos depois que a Guerra Judaica começara¹⁰⁸; apesar de ter liderado seu movimento por dois anos, foi preso com grande alarde, açoitado e executado como rei dos judeus¹⁰⁹;

- *João de Giscala* (66 d.C), chefe de salteadores, teve ampla liderança na rebelião popular, equivalente de Simão na Galiléia setentrional, com quem se aliou e fracassou; foi simplesmente preso e executado¹¹⁰.

6. Movimento messiânico após a Guerra Judaica

- *Simão bar Kocheba* organizou a última rebelião messiânica de que se tem conhecimento nos anos 132-135 d.C, na Judéia, por causa dos decretos imperiais que visavam quebrar a unidade dos judeus como povo e como entidade religiosa. 580 mil judeus morreram nesta luta contra Roma sem contar os que foram vítimas da peste e da fome. Ele foi aclamado por Rabi Akiba como Messias, mas outros rabinos não aceitaram esta indicação¹¹¹.

Todos estes líderes e seus movimentos, apesar do fracasso, manifestaram a fé do povo em Deus, que em dado momento, enviaria o seu ungido, o seu Messias, por compaixão a Israel, para proporcionar a sua libertação, tal qual haviam predito os profetas e sábios. Estas são as duas características fundamentais destes movimentos: respaldados pelas tradições judaicas, eles são tentativas de libertar Israel do domínio Romano.

¹⁰⁷ ID., *ib.*, p. 93.

¹⁰⁸ ID., *ib.*, p. 113.

¹⁰⁹ ID., *ib.*, p. 118s.

¹¹⁰ ID., *ib.*, p. 113-119.

¹¹¹ ID., *ib.*, p. 119s.

III. JESUS DE NAZARÉ E OS MOVIMENTOS MESSIÂNICOS

Nesta seção pretende-se apresentar as semelhanças e os contrastes existentes entre o messianismo de Jesus e os demais movimentos messiânicos do nosso tempo.

Jesus teve reservas quanto ao título de messias e o Novo Testamento assinala que ele não tinha pretensões de um messianismo temporal, político e triunfalista, embora o Novo Testamento o apresente servindo-se do título messiânico de “Filho de Davi” (Mt 22, 41-46: aqui não é negada a descendência davídica do messias, mas questionada, quanto ao caráter exclusivamente temporal). A postura de Jesus foi conservar o que parecia válido nas tendências messiânicas de seu tempo e recusou as que não se alinhavam com o seu Evangelho.

A palavra “Cristo”, como já se disse, é derivada da palavra grega “*Christós*”, e se tornou nome pessoal de Jesus de Nazaré, pois a Igreja primitiva o identifica com o Messias do AT e do judaísmo, embora o título de messias não seja suficiente para significar a totalidade de sua pessoa e de sua missão; é por isso que a Jesus são atribuídos uma série de outros títulos¹¹².

É verdade também que não se podia atribuir a Jesus o título de Messias literalmente, como era entendido pelo judaísmo contemporâneo a ele, por possuir uma compreensão equívoca e mistificadora, de forma que as ocorrências deste título nos Evangelhos devem ser encaradas com reservas¹¹³.

Mas trata-se de um silêncio relativo, pois o messianismo, como já se viu acima, é parte importante do Antigo Testamento, e estava presente nas massas que circundavam Jesus, embora ele não possuía ainda um caráter definitivo, ou seja, cada grupo possuía expectativas messiânicas segundo seus interesses (já aparecidas quando se tratou do intertestamento). Mas, podemos apreender algumas constantes comuns dentre estes grupos: o centro de interesse é sempre a reconstituição da nação, ou seja, a libertação da dominação romana, a restauração de Israel¹¹⁴.

¹¹² Cf. MACKENZIE, J. L., *o. c.*, p. 481.

¹¹³ Cf. GEISELMANN, J. R., *o. c.*, p. 53s.

¹¹⁴ ID., *ib.*

No rabinismo encontramos além da designação de Messias (“*christós*”), outros títulos messiânicos: “Davi”, “Germe (rebento) de Davi”, “Redentor”, “Rei de Israel”, “Rei dos Judeus”, “Rei-Messias”. Estes títulos possuem menor nitidez se comparados com os títulos dos apócrifos intertestamentários¹¹⁵.

É notável que Jesus tenha uma postura reservada com relação ao título de Messias, o qual se tornará no querigma seu nome próprio. E, em outras palavras, Jesus nunca se denominou como Messias¹¹⁶, embora a sua atividade seja nitidamente messiânica, como demonstram a sua pregação sobre o despontar do Reino de Deus, a cura de doenças e possessão de demônios, ressuscitar mortos e o perdão dos pecados, características do Messias esperado. Jesus, entende o Messias como o Filho do homem que sofre (Mc 8, 31)¹¹⁷. Já se disse que no querigma, o título Messias passou a ser nome próprio de Jesus, ao lado de outros títulos (Senhor, Filho, Santo, Justo, Servo, Sacerdote etc.), que ajudam a precisar qual o seu messianismo: ele é a personalidade salvadora prometida por Deus nos últimos tempos (At 3, 18-20) que, glorificado por Deus na Ressurreição, concede as forças criadoras da vida nova dos fiéis, e é o iniciador e fundador de uma ordem mais alta de vida, cabeça da nova humanidade (At 7, 35)¹¹⁸.

Vimos que o messianismo dos livros apócrifos se apresenta totalmente secularizado na esperança de um império judaico estabelecido pela intervenção de Deus, o que obrigava Jesus a se portar com cautela, no uso dos termos messiânicos, particularmente aqueles que se referem ao messianismo real¹¹⁹. Não é seguro que Jesus formalmente tenha se apresentado como Messias, embora suas atitudes revelem o início da era messiânica¹²⁰.

1. Semelhanças

A semelhança básica entre Jesus e os demais movimentos messiânicos da Palestina, seus contemporâneos, reside na plena solidariedade e

¹¹⁵ ID., *ib.*

¹¹⁶ ID., *ib.*

¹¹⁷ ID., *ib.*, p. 55.

¹¹⁸ ID., *ib.*, p. 60.

¹¹⁹ Cf. MACKENZIE, J. L., *o. c.*, p. 608.

¹²⁰ Cf. GEISELMANN, J. R., *o. c.*, p. 54.

comprometimento com a realidade de opressão e de dominação estrangeira, na qual estavam inseridos. E, como os demais movimentos, o movimento de Jesus apresenta um caminho diante da crise, o qual perseverou, após o desaparecimento de seu Mestre¹²¹.

Esta semelhança nos indica uma característica de Jesus e de seu movimento, que não pode ser desconhecida ou descaracterizada que é a sua inserção no contexto em que existiam, bem como, o fato de ter liderado um movimento em meio à dominação, mesmo que este seu movimento não tenha práticas semelhantes aos demais.

2. Contraste

Jesus teve muita liberdade ao se apresentar ao seu povo, e ao propor a sua mensagem tão original quanto coerente, com toda a sua ação. Pode-se perceber que o seu messianismo não é só pela atribuição que o NT e a Igreja derem a sua pessoa mas, antes, pelas suas atitudes. Disso tratar-se-à na seção seguinte. Antes, tem-se um elenco dos contrastes entre Jesus e os demais movimentos messiânicos.

Jesus se apresenta como um pacifista que é uma postura complementar a seu envolvimento com o contexto de opressão em que vivia para o qual ele não deixou de apontar uma solução, a partir do seguimento exigido a seus simpatizantes e adeptos de seu movimento. Esta solução está descrita, não só por suas palavras e seus atos, mas também no referido seguimento, no discipulado. E dos discípulos Jesus pede mais que a dita “não-violência”, pede o perdão, meio capaz, entre outros, de se estabelecer as relações novas, e assim um novo Israel.

Diversamente de outros movimentos de seu tempo, Jesus manteve contatos com diferentes tipos de pessoas, o que chocou os fariseus quando o viram com Levi e outros publicanos; e chocaria os zelotas, por serem os publicanos colaboracionistas dos romanos¹²² e até chocou os apóstolos ao falar com a Samaritana (Jo 4ss).

¹²¹ Cf. SCHERER, O. P. “*Justo Sofredor*” – *Uma interpretação do caminho de Jesus e do discipulado*, p. 298-300.

¹²² Cf. KIPPER, J. B., o. c., p. 246.

Esta breve descrição da liberdade de Jesus, sempre presente em sua vida, é uma das formas de se reconhecer a originalidade de sua pessoa e, assim, da originalidade de seu messianismo¹²³, como se pretende descrever a seguir.

3. Caracterização: que messias foi Jesus?

Jesus e o Batista. Fazia parte das expectativas messiânicas o papel do precursor do Messias. Jesus teve como precursor a pessoa de João Batista, e teria iniciado a sua missão profética na sua órbita¹²⁴. Ambos eram reconhecidos como profetas, o que lhes confere uma originalidade diante do povo, frente aos outros líderes populares daquela época (zelotas, escribas, fariseus etc.)¹²⁵.

Posteriormente, Jesus se afasta do círculo do Batista para dar prosseguimento à sua missão. Jesus era visto como um continuador da sua obra (Mc 8, 28) e até pensavam que era o Batista ressuscitado. Dada a proximidade entre eles, o NT insiste com freqüência na superioridade de Jesus frente ao Batista (Jo 1, 27).

Desde o pós-exílio, Israel já não mais tem profecia (Lm 2, 9; cf. Sl 74,9), mas já se esperava o retorno do profetismo (Dt 18, 15; cf. 1Mc 4, 46), sinal da renovação, de “tempos novos” (Jl 3, 1-5). O Batista e Jesus são o marco do renascimento do profetismo em Israel, embora o profetismo não tenha desaparecido totalmente¹²⁶, e serão seguidos por outros profetas, verdadeiros e falsos¹²⁷. Os profetas deste período souberam ler os sinais dos tempos, captaram o apelo de Deus no clamor do povo, e tornaram-se porta-vozes das suas aspirações com uma reflexão mais madura que os movimentos messiânicos que os precederam¹²⁸.

Jesus, o Reino de Deus e os pobres. A pregação do Batista, o precursor, já tratava do Reino de Deus. Jesus retoma esta pregação, já conhecida de

¹²³ Cf. FORTE, B., *o. c.*, p. 242ss.

¹²⁴ Cf. KONINGS, J., *o. c.*, p. 178.

¹²⁵ Cf. MESTERS, C., *o. c.*, p. 72.

¹²⁶ Cf. HORSLEY, R. A.; HANSON, J. S., *o. c.*, p. 137ss.

¹²⁷ Cf. MESTERS, C., *o. c.*, p. 73.

¹²⁸ ID., *ib.*, p. 77.

Israel pela pregação profético-apocalíptica. Jesus prega a chegada do Reino e afirma que o Reino já chegou com a sua pessoa (Mt 12,28 par). E Jesus envia seus discípulos a pregarem o Reino (Lc 10, 11).

Várias são as imagens em toda a Bíblia, que descrevem o Reino de Deus mas é possível apreendermos um termo-base na pregação de Jesus. O Reino de Deus consiste basicamente na realização de Sua vontade de Deus, na terra, como no céu (Mt 6, 10)¹²⁹. Este termo-base vai tomando corpo, conforme se aprofunda a compreensão a respeito da missão de Jesus.

Ainda no AT, o Reino de Deus implicava na intervenção de Deus na história, e cada etapa do AT matiza diferentemente esta intervenção para alterar a ordem vigente, promovendo justiça e paz verdadeiras, prioritariamente para os pobres¹³⁰. Com o fracasso da monarquia em Israel, vai surgindo uma nova concepção de Reinado de Deus e, assim, fazendo emergir a espera por um messias, atento às necessidades dos pobres, capaz de operar a reconciliação, ou seja, a paz que é fruto da justiça (Is 32, 17).

Jesus, de fato, é este Messias esperado que evangeliza os pobres (Mt 11,5; Lc 4, 18) e lhes diz que deles é o Reino (Lc 6,20). Os pobres do tempo de Jesus são tantos os que passam necessidades, bem como aqueles que são desprezados pela sociedade (pecadores, publicanos, prostitutas etc.). Para eles, Jesus apresenta a Justiça de Deus que inaugura o Reino em meio aos homens, e lhes indica o novo caminho da história.

Este caminho do Reino, manifestado pela conduta de Jesus em como sua pregação, se dá na prática do amor, capaz de transformar a estrutura de injustiça: daí a necessidade da solidariedade entre os homens.

O amor aos homens por amor de Deus, implica no perdão e na justiça¹³¹. Temos aqui, como que, um tripé das exigências para acolhermos Reino de Deus: amor, perdão e justiça; um é expressão do outro, um se realiza juntamente com os demais; não se tem um se, se despreza o(s) outro (s).

¹²⁹ Cf. KONINGS, J., o. c., p. 179.

¹³⁰ Cf. SOBRINO, J. *Jesus na América Latina – Seu significado para a fé e a cristologia*, p. 127ss.

¹³¹ Cf. ECHEGARAY, H., *A prática de Jesus*, p.154ss.

Assim, tal qual os profetas anunciavam a reconciliação operada por Jesus, por seu amor à humanidade, deve repercutir em justiça para os pobres, condição para que a humanidade acolha o Reino de Deus.

A literatura apocalíptica em meio às perseguições onde se era elaborada, indicava que o reinado de Deus se iniciaria com o fim da era de Satã, do mal, e com a instauração da era messiânica da paz e harmonia, e da soberania de Israel. Jesus nos apresentou o reinado de Deus, evangelizando os pobres, indicando a sua libertação da opressão e marginalização desta encarnação do mal experimentada pelos pobres. Através do amor, da solidariedade, a partir dos pobres e dos que se fazem pobres (os que têm “espírito de pobre”: cf. Mt 5, 3).

O Reino de Deus se dá a partir de relações novas, e não pelo recurso às armas, pois o Reino de Deus já age em meio aos homens, brota, cresce, amadurece, sem que o homem precise intervir¹³², mas sempre corresponder. E são os pobres o denominador comum destas novas relações, onde já não existe marginalizados e excluídos, mas uma relação de irmãos, que se amam.

Jesus, o Filho do Homem. A manifestação de que Jesus é o Filho do Homem, é uma das características messiânicas de Jesus, que foi sendo revelada escalonadamente, durante a sua vida pública por suas palavras e ações.

A expressão “Filho do Homem” (Dn 7) remete a grandes discussões exegéticas, mas é possível apreender um consenso mínimo deste título cristológico, e perceber a sua relação com a messianidade de Jesus, pois os títulos de “Messias” e “Filho do Homem”, foram difundidos, ou seja, as imagens do Filho do Homem, foram transpostadas para os Messias¹³³.

Jesus se apresenta como Filho do Homem, sempre na terceira pessoa, afirma que ele é juiz, mas sofrerá. Nesta apresentação de Jesus, tendo em conta que as figuras do Messias, do Servo Justo-Exaltado e do Filho do Homem foram amalgamadas, temos uma explicação do seu messianismo, que não se enquadra em qualquer expectativa humana, mas que as transcende e completa¹³⁴.

¹³² Cf. KIPPER, J. B., o. c., p. 247.

¹³³ Cf. GRELOT, P., o. c., p. 39.

¹³⁴ Cf. ECHEGARAY, H., o. c., p. 145ss.

A Morte de Jesus. Jesus foi condenado à morte capital em dois processos: religioso e político, necessariamente por ter travado conflito com as autoridades religiosas e políticas da Palestina de seu tempo, que vivia sob a dominação do Império Romano. Estas autoridades tramaram a forma de eliminar Jesus.

Do ponto de vista religioso, Jesus critica o judaísmo que oprime o homem, que o exclui da vida, seja por parte dos detentores dos ofícios religiosos, os saduceus, seja por aqueles que determinam e aplicam as leis de pureza ao povo, os fariseus. Os Evangelhos mostram que estes dois partidos se unem para tratar da morte de Jesus. Vemos assim, que a religião é capaz de matar, e mata até Deus.

Embora os Evangelhos assinalem que Pilatos teria reconhecido a inocência de Jesus, aquele, mesmo tendo lavado as mãos, permitiu que a pena capital fosse aplicada a Jesus, tal qual um revolucionário, e é bem provável que tal pena lhe tenha sido aplicada por ter se apresentado como rei do judeus.

A Ressurreição de Jesus. A ressurreição de Jesus, não é um dado histórico como o é à existência de Jesus. A ressurreição de Jesus é a manifestação meta-histórica da vida eterna (*schatou*) através de uma série de encontros com seus discípulos. É, entretanto, histórico que “algo” aconteceu com os discípulos de Jesus após a sua morte, que garantiu a continuidade do discipulado¹³⁵, ou seja, uma comunhão com o Mestre, inclusive como seu destino de perseguido, e também como participação na sua exaltação¹³⁶.

Pela ressurreição de Jesus, puderam os seus discípulos experimentar a vida nova proporcionada pelo Mestre, bem como reconhecer o messianismo original de Jesus e o messianismo do Novo Israel, que se inicia com o discipulado do Nazareno, e que deve cobrir todas as nações da terra (Mt 28, 19) até a pátria definitiva (Hb 11, 16).

¹³⁵ Cf. SCHERER, O. P. , o. c., p. 273s.

¹³⁶ ID., *ib.*, p. 286.

CONCLUSÃO

Duas idéias são fundamentais para a compreensão do messianismo de Jesus frente aos demais movimentos messiânicos seus contemporâneos.

Em primeiro lugar, Jesus Cristo, o verbo eterno de Deus à humanidade, e primeiramente ao povo no qual se encarnou, uma mensagem original, uma radical novidade, o Evangelho do Pai de forma que ela não se apresenta em analogia com nenhum outro itinerário projetado e pensado, a partir do passado de Israel. Jesus traz uma mensagem de vida e de fraternidade conquistada pelo compromisso do amor, da justiça e do perdão, elementos necessários para o discipulado, o qual é animado pela força de seu Espírito. É esta a contribuição de Jesus para a humanidade, sem deixar de responder aos desafios da época em que se encarnou, e sem deixar de se referir às realidades que o cercavam.

Mas não se pode deixar de considerar que Jesus foi um homem de seu tempo, plenamente consciente e comprometido com os conflitos de seus contemporâneos, e a sua original mensagem assume todas as aspirações imediatas dos movimentos populares, messiânicos ou não, daquela época. E tal foi o seu comprometimento com a sua realidade que foi morto pelos detentores do sistema da época.

Estas são duas características básicas do messianismo de Jesus frente às válidas aspirações dos movimentos messiânicos de seu povo, no período em que nele viveu.

Prof. Dr. Pe. Ari Luís do Vale Ribeiro

*Doutor em Teologia Dogmática pela Pontifícia Faculdade de Teologia N.
Sra. da Assunção/SP.*

BIBLIOGRAFIA

- AUSUBEL, N. *Messias*, In: *Conhecimento Judaico*, vol. 2. Koogan Ed. 1989, p. 541-550.
- _____. *Messias, falsos*, In: *Conhecimento Judaico*, vol. 2. Koogan Ed. 1989, p. 551-560.
- BRIGHT, J. *História de Israel*. Trad. E. C. Silva. Paulinas 1981.
- ECHEGARAY, H. *A prática de Jesus*. Trad. E. F. Alves. Vozes 1980.
- ELLIS, P. F. *Os homens e a mensagem do Antigo Testamento*. Trad. F. C. Castro. Ed. Santuário 1991.
- FERRARO, B. *A significação Política e Teológica da morte de Jesus*. Vozes 1977.
- FOHRER, G. *História da Religião de Israel*. Trad. J. Xavier. Paulinas 1982.
- FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*. Trad. J. L. Gaio. Paulinas 1985.
- GEISELMANN, J. R. *Jesus Cristo*. In: *Dicionário de Teologia*, vol. 3. Trad. F. Pastor (Coord.). S. Paulo: Loyola, 1987, p. 40-75.
- GRELOT, P. *Mesias, expectación mesiánica*. In: *Sacramentum Mundi*, vol. 4 1973 563-567.
- _____. *A Esperança judaica no tempo de Jesus*. Trad. L. J. Braúna. S. Paulo: Loyola, 1996.
- HADAS-LAEBEL, M. *Flávio Josefo – o judeu de Roma*. Trad. P. Rosas. Imago 1991.
- HORSLEY, R. A.; HANSON, J. S. *Bandidos, profetas e messias – Movimentos populares no tempo de Jesus*. Trad. E. A. Rooyer. S. Paulo: Paulus, 1996.
- JEREMIAS, J. *Jerusalém no Tempo de Jesus*. Trad. M. C. M. Duprat. S. Paulo: Paulinas, 1986.
- KIPPER, J. B. *Atuação política e revolucionária de Jesus?* In: RCB 7/8, 1978, p. 273-270.
- KONINGS, J. *A Bíblia, sua história e leitura: uma introdução*. Vozes, 1992.
- MACKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*. Trad. A Cunha et al. Paulinas, 1983.
- MESTERS, C. *Os profetas João e Jesus e outros líderes populares daquela época*. In: RIBLA 1, 1988, p. 72-80.
- MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo – Cristologia em dimensões messiânicas*. Trad. I. Kayser. Vozes, 1992.
- OBERSTEINER, J. *Messianismo*. In: *Dicionário de Teologia Bíblica*, v. 1, Loyola, 1987, p. 688-696.
- ROSANO, P. *O ambiente de Jesus*. In: *Introdução à Bíblia*, vol. IV (Os Evangelhos). Trad. J. E. M. Terra. Vozes, 1972, 18-64.

Jesus e os movimentos messiânicos

SCARDELAI, D. *Jesus e os movimentos messiânicos de seu tempo*. In: *Espaços* 1 (1996) 41-58.

SCHERER, O. P. *“Justo Sofredor” – Uma interpretação do caminho de Jesus e do discipulato*. S. Paulo: Loyola, 1995.

SOBRINO, J. *Jesus na América Latina – Seu significado para a fé e a cristologia*. Trad. L. J. Gaio. Vozes-Loyola. 1985.

SCHLESINGER, H.; PORTO, H. *Messias*. In: *As religiões ontem e hoje*. Paulinas. 1982, p. 177-178.